

## **Alkahest: um método em forma de licor**

Luiz Moreno Guimarães\*

– Parábola do *daímon* da psicanálise? –

*Alkahest* era uma das sublimes substâncias buscadas pelos alquimistas da segunda metade do século XVII, e convém sublinhar que fora tenazmente procurada por esses que souberam criar e ornar elegantes mistérios.

O inventor de seu nome, ao que consta, foi Paracelso (1493-1541), que a imaginou como um *licor* que conservava e reforçava o fígado, mas que também possuía uma faculdade incrível: podia substituir, caso necessário, as funções desse órgão. O segundo livro de *De viribus membrorum*, dedicado ao estudo das doenças dos órgãos internos do corpo humano, é o único lugar em que Paracelso define o *Alchahest*, e o faz exaltando suas qualidades como remédio para insuficiências hepáticas, indiscutivelmente superior a todos os outros, pois, “mesmo se o fígado se encontra arruinado e destruído, ele próprio [o licor *Alchahest*] assume o papel do fígado, como se este último nunca tivesse sido arruinado e destruído” (1589-91, p. 9). Essa definição inicial, ainda que atribuindo propriedades fantásticas à substância alquímica, ao torná-la substituta ideal de um órgão interno falido (mais fígado do que o próprio fígado), *não seria*, no entanto, aquela que daria a futura notoriedade ao sublime licor.

Cerca de um século depois, outro alquimista, Johannes (Joan) Baptista Van Helmont (1579-1644) – apropriando-se do nome dado por Paracelso, introduzindo uma sutil modificação na grafia e arriscando-se a reformular a função da substância –, lançou uma busca que ainda hoje permanece aberta. “Existe”, escreve e grifa Van Helmont, “algum *Solvente universal* que dissolve, transforma, separa e reduz todos os corpos” – seu nome é *Alkahest*. Isso consta numa carta datada de 1631, na qual também lhe foi dirigida a pergunta: “O que é o *Alkahest*?”; ao que Van Helmont responde: “É um *Solvente [Menstruum]* católico e universal que podemos chamar, em uma só palavra, a *água-do-fogo [Ignis-Aqua]*: é um *ser [ens]* simples e imortal, que penetra todas as coisas e as conduz à sua matéria primeira líquida: nada

\* Doutorando do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP) e estudante de letras clássicas da mesma universidade (FFLCH-USP).

pode resistir a sua virtude” (1893/2013, p. 10)<sup>1</sup>. Trata-se de uma redefinição: *Alkahest* permanece como busca alquímica por um licor, mas a função desse líquido mudou, deixou de ser um licor-remédio para os problemas hepáticos, e passou a ser um licor-solvente, ou melhor, o solvente por excelência. Note-se que suas novas faculdades são magníficas: qualquer matéria em contato com o *Solvente universal* seria reduzida e decomposta, estamos diante da substância que teria a capacidade de *dissolver* todas as outras. Insisto que se detenha por mais um instante, meu leitor, na potência desse Solvente: imagine que o papel em que lê estas linhas, a poltrona em que está sentado e todo resto em volta, incluindo seu próprio corpo, seriam sem exceção dissolvidos por um único e simples licor, o *Alkahest*.

E nessa solvência geral dois processos concomitantes ocorreriam: (i) a matéria seria purificada (*id est*, tornar-se-ia livre de suas impurezas e de suas complexidades, o que vem a ser o mesmo) e (ii) evidenciar-se-iam os elementos mínimos e específicos, o *primum ens* [*primeiro ser*], que a constituem. *Alkahest* seria então uma sorte de substância antitética, que se define negativamente, por ser a substância que desarticula e purifica as demais substâncias; e também seria uma espécie de condutor: um *ens* [*ser*] simples e imortal que conduz outro *ens* ao *primum ens*. De tal forma que, visto pelo prisma do *Solvente universal*, toda matéria era *primum ens* em estado impuro. E sua qualidade *imortal* se deve ao fato de que, diferente dos demais solventes, não se misturaria ao corpo em que age; “após dissolver varias outras coisas, ele permanece todo inteiro em sua forma natural, mesmo após mil operações, mantém sua virtude como se fosse a primeira vez” (Helmont, 1893/2013, p. 10) – *Alkahest* não perderia seu efeito ao agir. Foi essa redefinição feita por Van Helmont, ainda mais fantástica que a de Paracelso, que tornou *Alkahest* um fluido alquímico tão popular e tão cobiçado. Os alquimistas, hábeis na confluência entre invenção e investigação, já tinham assim a função química e o nome do *Solvente universal*, bastava agora encontrar sua matéria-prima – e confeccioná-lo.

Uma diferenciação inicial destacava-se como importante. A matéria que entrasse em contato com o *Solvente universal* seria por ele apenas desassociada – e não destruída; o *Solvente universal* não é o fogo, e sim o *ventre do fogo*, a *Ignis-Aqua*; *Alkahest* se limitava a decompor qualquer coisa palpável, e essa decomposição era a sua própria purificação. “De acordo com Van Helmont, o *Alkahest* realizaria a dissolução e a purificação através da divisão do outro corpo em minúsculas partículas –

<sup>1</sup> Católico, na citação, encontra-se no sentido grego (καθολικός) de irrestrito, geral.

apesar de não serem tão minúsculas ao ponto de extinguir sua especificidade (isto é, destruir sua *propriedade seminal*)” (Porto, 2002, pp. 8-9). O *Solvente universal* não destruiria o corpo com o qual entraria em contato, apenas o purificaria ao romper as ligações que o constituíam – não era o *Destruidor universal*, mas o *Purificador universal*. Cabe bem dizer inclusive que *Alkahest analisaria* a outra substância, no sentido etimológico de *análise*: do grego ἀνάλυσις, *ação de desatar*. O *Solvente universal* trazia assim, implicitamente, uma noção própria de *purificação* relacionada com a de *ruptura*: é necessário romper a unidade do corpo para que se revele o seu elemento seminal, o seu mínimo puro, que de outro modo mantinha-se inacessível. “É a esse estado primitivo da matéria, desembaraçada de todas as impurezas da terra, que o *Alkahest* conduz o que ele dissolve. A dissolução que ele produz é então uma liquefação, e não uma destruição” (Joly, 1996, p. 323). A função alquímica do *Solvente universal* era, portanto, romper o campo de constituição do outro, sem destruí-lo, apenas purificando-o, operando desse modo a desestruturação que paradoxalmente torna o outro ainda mais ele mesmo, conduzindo-o ao seu *primum ens*. Em termos trágicos, *Alkahest* era uma espécie de *catarse materializada*<sup>2</sup> e apresentada em forma de solvente; em termos psicanalíticos, o *Solvente universal* era uma sorte de licor concentrado de *bondade*<sup>3</sup>, por estar no outro mais do que este está em si mesmo<sup>4</sup>.



Mas eis que, antes mesmo de encontrar esse *analisador universal*, sobrevém a mais-que-sóbria questão, formulada em 1677 por Johann Kunckel, que inicia assim: “se é possível encontrar um Solvente Universal que possa dissolver todos os corpos sem distinção, mesmo as pedras preciosas”, e continua, “se mesmo o diamante não pode resistir a ele, qual recipiente – conjectura-se então – pode-se utilizar para preparar e conservar esse solvente?” (1677, citado por Joly, 1996, p. 309). Se nem o corpo mais sólido da natureza (o diamante) pode contê-lo, onde vamos guardar o *Alkahest*? O *Solvente universal* romperia o seu recipiente e, como não se mistura com a substância em que age, seguiria dissolvendo incessantemente tudo que encontra pelo caminho. Essa indagação acerca do receptáculo do *Solvente universal* era,

2 O estudo de Paulo Porto (2002) aborda o uso medicinal do *Alkahest*, demonstrando seu valor *purgativo*; pesquisa que abre interessante caminho para se investigar a relação entre *Solvente universal* e *catarse* (trágica e psicanalítica).

3 Conferir o capítulo “Bondade” de *A infância de Adão e outras ficções freudianas* (2002) de Fabio Herrmann, e a sessão XX, “Em Ti mais do que Tu”, do *Seminário XI* (1964) de Jacques Lacan.

4 O símbolo que segue – sonhado, desenhado e que serve como divisor das partes deste texto – revelou-se como a condensação de dois símbolos alquímicos, o da *abstração* com o da *destilação*.

por um lado, uma crítica à sua busca, mas, por outro, revelava que *Alkahest* seria um solvente tão forte que convém antecipar a sua vinda. E o tom debochado de Kunckel – que chega a *chistar* com o nome: *Alkahest* significaria *alles Lügen heisset* ou *alles Lügen ist* [ambos: *é tudo mentira*] – não consegue dissimular a nova preocupação alquímica: como sustentar aquele que desfaz qualquer sustentação?

A impossibilidade assim se evidenciava: se tivermos um recipiente para o *Solvente universal*, este pode até continuar a ser um poderoso solvente, mas não será universal, pois não dissolve o receptáculo que o contém – logo não será digno do nome *Alkahest*. Esse receptáculo, tão inencontrável quanto o Santo Graal, deveria ser a materialização do insolúvel, aquilo que impediria o *Solvente universal* de ser ele mesmo; uma espécie de *refúgio*, de *álibi*, de *ao menos um* lugar a salvo do processo geral de solvência. E o ímpeto de defender-se de algo que sequer fora confeccionado era talvez o pressentimento de que *Alkahest* estava em vias de realizar-se, de que estava se realizando, ainda que de um modo inteiramente inesperado. Pois bem, partindo de uma busca, os alquimistas passaram a ter duas buscas – e opostas: encontrar o que tudo dissolve e contê-lo no insolúvel.



Apesar da objeção lógica de Kunckel, a procura pelo *Alkahest* não cessou; havia algo inquietante na formulação alquímica dessa substância que, mesmo refutada como impossível, continuava a ser procurada por autores imunes a qualquer hermetismo. E malgrado a absurdidade das características do *Alkahest*, que por vício epistemológico possa advir aos nossos contemporâneos olhos, autores do calibre de Boyle, Leibniz ou Boerhaave, consagram parte considerável de seu tempo à busca das propriedades desse líquido. Leibniz chega a afirmar: “*Possibilis est Liquor Alcahest* [O Licor Alcahest é possível]” (1671/2006, p. 291). O aspecto *Unheimliche* dessa substância, e que talvez tenha fispado esses tão distintos autores, encontrava-se no fato de que “Sob o nome de Alkahest um importante segredo estava oculto”; “ele não era apenas um solvente, mas a chave do segredo [da química e] da medicina – e, conseqüentemente, a chave para a compreensão da natureza” (Porto, 2002, p. 28); esse licor era mais que um solvente fantástico: “Alkahest é um *agente uni-*

*versal* com inumeráveis usos” (Hedesan, 2016, p. 182), um deles é “não apenas revelar a essência de todos os corpos, mas também permitir o aproveitamento do poder primordial do seu núcleo interno” (Hedesan, 2016, p. 182), e em última instância tal prática conduz a “extinguir a tradicional distinção entre ciência e arte” (*Id., Ibid., loc. cit.*). O *Solvente universal* nos ensina que *analisar* é desobrigar o elemento seminal de suas ligações, para que este possa então realizar-se. De tal forma que o trabalho científico de dissolução visava, no final das contas, permitir o usufruto do *primum ens*: a ciência abrindo caminho para a arte<sup>5</sup>. E a procura pelo *Solvente universal* parecia ser uma investigação estranhamente familiar a todas as outras buscas humanas. Não à toa, em sua aparição literária (*La recherche de l'absolu*, 1834), Balzac define o *Alkahest* como o *demônio da pesquisa*.

Não demora muito para que a busca pelo *Solvente universal* sofra uma mudança de ênfase: deixa-se de lado a procura da *substância* que produziria a solvência, e passa-se a pensar a própria *solvência*. “Argumento para Boyle, momento de um processo para Fabre, modelo ideal para Starkey, o *Alkahest* é finalmente pensamento da solvência mais que produção de tal ou tal solvente” (Joly, 1996, p. 343). Nessa toada, Pierre-Jean Fabre (1588-1658) irá propor que é do interior da matéria mesma, através da ação do calor e de repetidas destilações, que surge seu aspecto purificado. *Alkahest* deixa de ser um fluido trazido do exterior que entra em contato com outra substância e passa a ser um *método de dissolução* a partir do próprio elemento – um processo de *alcoholização*, diz Fabre, se desse termo destacamos o seu sentido etimológico, do árabe: *a mais fina pulverização que é possível obter de um corpo*.



Houve quem dissesse que o *Alkahest*, por não ter sido confeccionado, por nunca ter exercido seu *católico* processo de solvência, jamais existiu. Errado: ao longo de sua história sabemos de ao menos uma atuação do *Solvente universal* – nele mesmo. Todo o processo de dissolução, purificação e evidenciamento do elemento seminal ocorreu com o próprio Solvente, o que torna essa solução ainda mais inquietante. Algumas décadas de

O livro de Titus Burckhardt deixa claro que qualquer pesquisa que se incline sobre um ou vários dos problemas alquímicos deve levar em consideração essa singular forma de articular ciência e arte, pois apenas assim pode-se operar “o resgate do horizonte espiritual próprio da Alquimia” (Burckhardt, 1972, p. 202), afinal, essa singular articulação é o *primum ens* não de uma substância em especial, mas da Alquimia como um todo.

acaloradas querelas *abstractas* e de repetidas *destilações* teóricas dissolveram e alcoolizaram o licor *Alkahest*; e eis que o seu *primum ens* – aquilo de que não deve ceder, nem exceder – vem à tona: depurado, sobrou apenas o seu elemento seminal, a *solvência analítica*, e a substância alquímica pôde então transmutar-se em método que viria a se chamar *química*. Esse foi seu devir-método: o *Solvente* se dissolveu em puro movimento de solvência.

Aquele que reduz a forma do outro está condenado a manter-se informe. Até que assuma sua vocação, que é justamente *ser sem suporte*, mas aí já não precisa encontrar-se em forma alguma. Quando *Alkahest*, o licor *insuportável*, cumpre seu *daímon*, torna-se indiferente afirmar ou negar sua existência.



#### REFERÊNCIAS<sup>6</sup>

- Burckhardt, T. (1972). *Alchemy: Science of the Cosmos, Science of the Soul*. Baltimore: Penguin Books.
- Hedesan, G. D. (2016). *An Alchemical Quest for Universal Knowledge: The 'Christian Philosophy' of Jan Baptist Van Helmont (1579-1644)*. London; Nova York: Routledge.
- Joly, B. (1996). L'alkahest, dissolvant universel ou quand la théorie rend pensable une pratique impossible. *Revue d'histoire des sciences*, 49, n. 2-3, 305-344.
- Leibniz, G. W. (2006). De Liquore Alkahest. In \_\_\_\_\_. *Philosophische Schriften: Band 2 (1663-1672)*, pp. 291-293. Berlin: Akademie Verlag. (Trabalho original publicado em 1671).
- Paracelsus. (1589-91). *Bücher und Schriften* (Vol. 1, bk. 3, pp. 8-9). Basel: Huser.
- Porto, P. A. (2002). Summus atque felicissimus salium: The Medical Relevance of the Liquor alkahest. *Bulletin of the History of Medicine*, 76(1), 1-29.
- Van Helmont, J. B. (2013). The Secret of the Immortal Liquor called *Alkahest* or *Ignis-Aqua*. In A. E. Waite (Org.). *Collectanea Chemica* (pp. 10-23). London: Global Grey. (Trabalho original publicado em 1893).

---

#### LUIZ MORENO GUIMARÃES

Avenida Paulista, 807/714  
 01311-915 – São Paulo – SP  
 tel.: 11 97159-6180  
 luiz.moreno@usp.br

<sup>6</sup> Agradeço ao professor Paulo Alves Porto, do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, pela ajuda na busca do material bibliográfico.